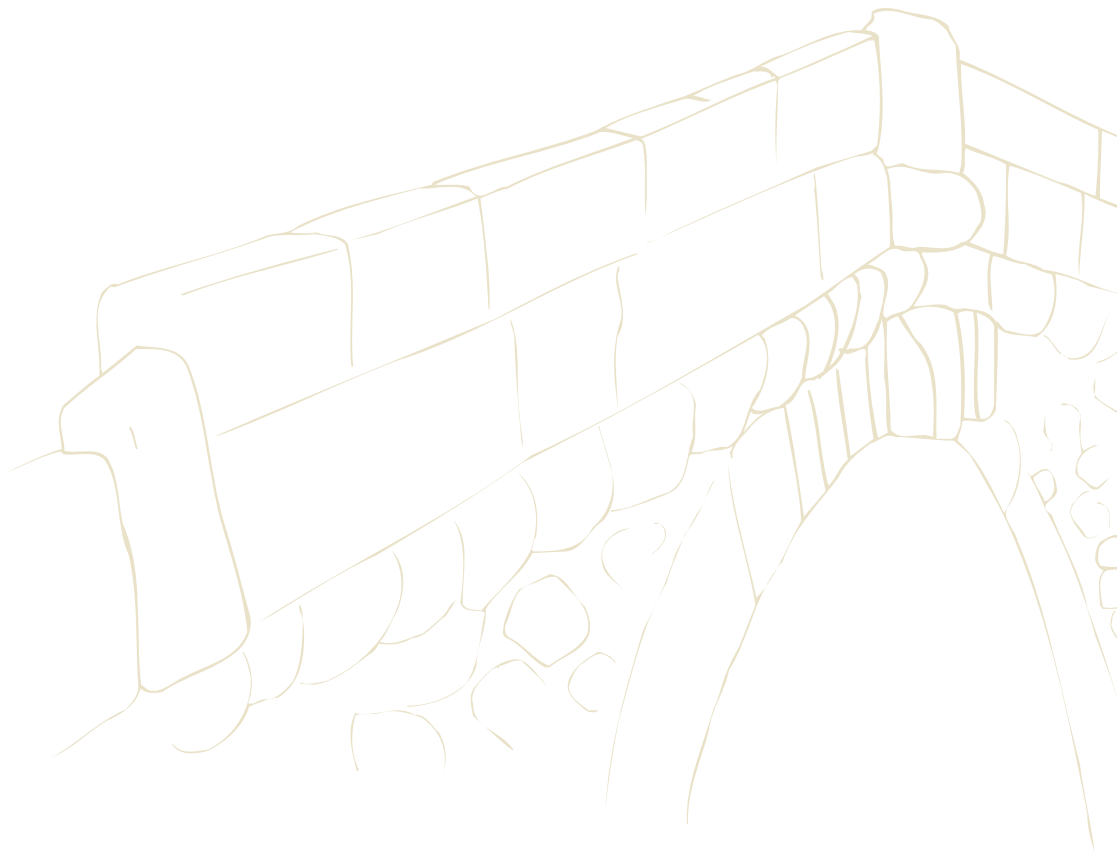


pontes

PONTE DE VILELA

PONTE DE ESPINDO



A Ponte de Vilela, na freguesia de Aveleda, concelho de Lousada, assegura a travessia do rio Sousa, estabelecendo a ligação entre o lugar de Vilela, a Poente de Caíde de Rei, e os lugares de Vilar de Nuste e de Cartão¹.

Em cantaria granítica, a Ponte de Vilela é composta por quatro arcos de volta perfeita. Os arcos apoiam-se em três pegões cegos, reforçados com talhamares triangulares, a montante, e talhantes quadrangulares, a jusante. Os vãos dos dois arcos laterais estão actualmente assoreados. O tabuleiro é horizontal sobre os arcos centrais e rampante nos topos, apresentando-se pavimentado com lajes graníticas e lateralmente protegido por guardas, também de granito. Os silhares desta ponte não apresentam qualquer sigla, elemento quase sempre presente nas pontes medievais.

De complexa datação, esta ponte de características técnicas e construtivas semelhantes às da época medieval poderá corresponder ao período de crescimento das necessidades de circulação no Vale do Sousa, permitindo a franquia do obstáculo natural, o rio Sousa.



1. Na Ponte de Vilela os arcos apoiam-se em três pegões reforçados com talhamares triangulares, a montante.

1 AA. VV. – «Ponte de Vilela». *Estudo de Valorização e Salvaguarda das Envolventes aos Monumentos da Rota do Românico do Vale do Sousa*. 2ª Fase. Vol. 2, s/n. Porto, 2005, p. 215.

A Ponte de Espindo, na freguesia de Meinedo, concelho de Lousada, assegura a passagem sobre o rio Sousa, estabelecendo a ligação viária entre os lugares de Bustelo e de Boim.

Segundo um estudo da responsabilidade da DGEMN², esta Ponte, de pequenas dimensões, é constituída por um só arco de volta perfeita apoiado em sólidos pilares que arrancam directamente das margens, apresentando-se o da margem esquerda, no lado montante, protegido por um muro ou mouchão.

A largura do vão obrigou à elevação do arco e à colocação do tabuleiro em cavalete. É uma construção em cantaria granítica, com paramentos de aparelho irregular, o que contrasta com o aparelho regular do arco, de aduelas bem esquadriadas.

Esta Ponte, de difícil datação, assemelha-se, técnica e construtivamente, a uma ponte medieval.



2. A Ponte de Espindo é constituída por um só arco apoiado em pilares que arrancam directamente das margens.

Apesar das Pontes de Vilela e de Espindo corresponderem a uma cronologia avançada, a construção que apresentam recorda, em muitos aspectos, as pontes medievais que, nas Épocas Românica e Gótica, constituíram uma boa parte do esforço construtivo de então.

A qualidade destas pontes, a sua boa resistência à água e a sua durabilidade, forjaram um padrão construtivo muito estimado e repetido na Época Moderna e mesmo durante o século XIX quando, no quadro da política fomentista de Fontes Pereira de Melo, a estrutura viária portuguesa foi muito renovada.

Na Idade Média, a grande actividade construtiva no que diz respeito às pontes está, obviamente, ligada à história das vias. A necessidade de renovar a rede viária de herança tardo-romana desajustada das novas necessidades foi, como escreveu Mário Barroca, um dos factores que contribuiu para o amplo movimento da construção de pontes³.

Como refere C. A. Ferreira de Almeida, a partir do século XII e até ao século XIII, arranjar caminhos e construir pontes são actos considerados como obras de piedade.

São Gonçalo de Amarante e São Lourenço Mendes, responsáveis pela construção das pontes de Amarante e de Cavês, respectivamente, foram santificados popularmente, tal como Saint Benizet de Avignon (França) e São Domingo da Calçada (Rioja, Espanha)⁴, demonstrando quanto este fenómeno de considerar a construção de pontes como obras pias foi comum a outras regiões da Europa.

2 AA. VV. – «Ponte de Espindo». *Estudo de Valorização e Salvaguarda das Envolventes aos Monumentos da Rota do Românico do Vale do Sousa*. 2ª Fase. Vol. 1, s/n. Porto, 2005, p. 196.

3 ALMEIDA, C. A. Ferreira de; BARROCA, Mário Jorge – *O Gótico. História da Arte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 2002, p. 125.

4 ALMEIDA, C. A. Ferreira de – *O Românico. História da Arte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 2001, pp. 148-149.



3. A jusante da Ponte de Vilela os talhamares são quadrangulares.

Nos testamentos de reis, nobres e eclesiásticos há muitas referências a donativos deixados para a construção de pontes. D. Afonso Henriques contribuiu para a construção das pontes de Coimbra, do Ave (Bagunte, Vila do Conde) e de Piães, no rio Douro.

As pontes da Época Românica cuidaram mais os seus alicerces do que as pontes romanas e procuraram sítios firmes para a sua construção. É esta a razão, segundo C. A. Ferreira de Almeida, que conduziu a que as pontes medievais resistissem melhor ao tempo e às cheias.

As pontes românicas apresentam, por norma, grandes arcos cuja altura, por vezes, obriga à solução de ponte em cavalete, ou seja, de dupla rampa. Desenvolvem amplamente os talhamares, a montante, e os talhantes, a jusante⁵.

Na Época Gótica, a técnica de construção de pontes não difere muito das soluções da ponte românica, embora opte mais sistematicamente por uma estrutura em cavalete com um arco (ou arcos) de maior amplitude ao centro, de modo a facultar uma menor resistência à água, em leito de cheia. A ponte gótica é também mais monumentalizada.

Pela sua dimensão e porque consagra uma importante via de percurso muito antigo, integrando parcialmente uma antiga ponte romana, a ponte de Ponte de Lima é uma obra do segundo quartel do século XIV que deve ser referida pela sua notável construção. É composta por dezoito arcos ligeiramente quebrados e corresponde a uma tipologia nova, presente em outras pontes dos caminhos de Santiago, e retomada no Norte de Portugal em Ponte da Barca e em Vilar de Mouros. Do lado da Vila, a ponte estava integrada numa porta da cerca e, na margem direita do rio Lima, nela se enquadrava uma torre.

Esta monumentalização das pontes, fortificando-as, é uma inovação da Época Gótica, como notou Mário Barroca. Também a ponte de Barcelos tinha uma torre ligada ao Paço Condal. Esta ponte, composta por seis arcos desiguais, deverá datar do final do primeiro quartel do século XIV tendo sido instituída, na mesma época, a capela de Nossa Senhora da Ponte. A ponte de Sequeiros sobre o rio Côa (Vale Longo, Sabugal) conserva parte de uma torre de planta quadrada e a ponte de Aramenha (Marvão) optou pela localização da torre em local ligeiramente afastado. Mais conhecida é a monumentalizada ponte de Uca-nha (Tarouca) que, tal como nos dois últimos exemplares referidos, data já do século XV⁶.

São ainda de notar as pontes góticas da Langoncinha (Famalicão) sobre o Ave com seis arcos, a ponte do Prado (Vila Verde) sobre o Cávado, estruturada em nove arcos, e a ponte de Caves (Cabeceiras de Basto), documentada já no século XIII, sobre o Tâmega, na marra das regiões do Minho e Trás-os-Montes.

A actividade pontística marcou de forma acentuada a paisagem medieval portuguesa. Segundo C. A. Ferreira de Almeida, entre a arquitectura civil da Época Românica, o realce deve ser posto nas numerosas pontes então construídas «pelo interesse que a época lhes dedicou, pelo impacte que elas representaram, pela transformação da paisagem que sempre ocasionam, pelos meios técnicos e económicos que exigiam e pelos benefícios que trouxeram às comunicações e aos homens»⁷.

As obras de conservação e recuperação das Pontes de Vilela e de Espindo incidiram na consolidação da estrutura, limpeza e remoção de patologias biológicas e arranjo paisagístico da envolvente e foram realizadas no âmbito do projecto da *Rota do Românico do Vale do Sousa*.



4. Na Ponte de Espindo a largura do vão obrigou à elevação do arco e à colocação do tabuleiro em cavalete.

5 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *História da Arte em Portugal. O Românico*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, pp. 138-140.

6 ALMEIDA, C. A. Ferreira de; BARROCA, Mário Jorge – *O Gótico. História da Arte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 2002, pp. 124-128.

7 ALMEIDA, C. A. Ferreira de – *O Românico. História da Arte em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 2001, p. 149.